

PROJETO NEGRITUDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Verônica de Souza Fragoso¹

Introdução

Através do aporte teórico-metodológico trazido pela Nova História Cultural, transitarei por entre preâmbulos subjetivos da construção de identidade, tendo como referenciais vivências com crianças do 1º ao 6º ano que fizeram parte da minha própria experiência cotidiana de ser educadora, valendo-me especificamente do ano de 2007.

Apesar da ampla propaganda em veículos de comunicação, mostrando que o preconceito é crime (Lei nº 7.716, de 5/1/89), muitas experiências vivenciadas no cotidiano da sala-de-aula mostram que o mesmo permanece intrínseco a vivência familiar e escolar.

Esse ensaio tem o objetivo de apresentar um relato de experiência possibilitado pelo Projeto Negritude, no qual lancei um novo olhar sobre a prática de ensino de História, direcionando-a para questões étnico-raciais.

O referido trabalho fomentou aspectos reivindicados pelo Movimento Negro durante todo século XX, e que aos poucos se introduzem ao âmbito escolar. Essa tentativa preocupou-se em não mais incluí-lo pela já difundida reafirmação de que o negro fora desde a escravidão um agente subvalorizado na construção da identidade brasileira, mas de evidenciar a valorização do mesmo enquanto participante ativo.

Nesse sentido, um dos documentos utilizados como embasamento foi o Parecer CNE/CP 003/2004, aprovado em 10/03/2004, cujo processo é de nº 23001.000215/2002-96 e que de forma resumida buscou atender os propósitos expressos na Indicação CNE/CP 06/2002, além de regulamentação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que asseguram o direito à igualdade de condições de existência e de cidadania e igualdade de direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de ingresso às diferentes fontes da cultura nacional a todos os brasileiros.

No interior das escolas a garantia desses direitos subjaz diferentes problemáticas. Através de experiência acumulada em um período considerável da

¹ Historiadora e Pedagoga-Mestranda na Linha História da Educação- UFPB/PPGE
fragosoveronica@hotmail.com

profissão foi perceptível que um dos canais importantes a serem trabalhados é aquele ligado as questões familiares.

Esse pressuposto se dá ao fato de que a família é o primeiro ambiente socializador no qual a criança está inserida e é a partir dela que ele começa a interação com o mundo em sua volta:

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. (PALOMA & DESSEM. 2007 p.22)

Ao alocarem a inter-relação família-escola enquanto *uma construção individual e coletiva* as autoras percorrem exatamente o campo no qual o aludido ensaio se projetou.

O papel da família nessa fase de descobertas é de extrema importância e muitas vezes os alunos absorvem posicionamentos inconscientes devido a essa influência.

Essa observação foi construída a partir de experiências vividas cotidianamente durante anos com alunos saudáveis e comunicativos, cujas idades variavam entre 7 e 12 anos que de forma latente negavam suas identidades raciais.

Essas negações não eram fruto do convívio escolar, pois tanto funcionários, como professores e alunos tinham uma relação saudável. Percebi, assim que era no caminho da escola para a casa que a negação fora construída.

Os alunos traziam dos ambientes familiares palavras naturalizadas e carregadas de preconceito e discriminação.

Sendo assim, ficou evidente a necessidade de um trabalho que buscasse um olhar para si. Os educandos precisavam primeiramente reconhecer sua descendência para que então compreendessem o literal significado de palavras como: afrodescendência, negro, África, preconceito, Direitos Humanos.

Os novos paradigmas da Nova História introduziram ao ensino da disciplina História a possibilidade de articular vivências cotidianas relatadas pelos alunos na construção de uma consciência histórica.

A aceção dessa construção é resultado daquilo que GADDIS (2003) define como sendo *projeção da maturidade ao longo do tempo*.

Fazendo uma analogia ao ambiente familiar, a criança percebe-se como centro do mundo, no instante em que ela começa a interagir com os colegas, ela principia o afastamento daquele núcleo e passa a ter uma visão cada vez mais expressiva sobre sua *insignificância*. Nesse instante ela abre possibilidades de respeito mútuo, porque percebe que o individual é fortalecido através do coletivo.

Ainda citando GADDIS (2003):

Assim é a vida. Cada um de nós nasce tão autocentrado que, pelo simples fato de sermos bebês e, portanto, mimosos, estamos protegidos. Crescer é em grande parte uma questão de amadurecermos: absorvemos impressões, e ao fazer isso saímos- ou pelo menos muito o fazem- de nossa posição original de centro do mundo. (Apud, p.20)

O Projeto Negritude esquadrinhou fomentar no aluno a percepção que o caminho percorrido para uma construção histórica se dá com as relações conflituosas ou não de múltiplos agentes e que tanto eles em seu cotidiano como os negros que viveram nas senzalas fazem parte desse conjunto e representam a mesma importância no processo de conhecimento e estudo da História.

Sendo assim BRASIL (2006) corrobora:

Busca-se um repertório educacional que caminhe em direção a um conceito de ser humano que produz histórias não a partir de grandes sagas e heróis, mas a partir de relações comunitárias vividas e vivenciadas pelos grupamentos humanos. Neste sentido, para uma ação desta envergadura se faz necessário um primeiro passo, que é o de promover o reconhecimento da igualdade sem limite e profundamente radical entre uma cultura africana e afrodescendente e uma branca, eurocêntrica, ocidental. (Apud, p.60)

Projeto Negritude- Justificativa

Durantes muitos anos, os três pilares explorados na educação no Brasil, para caracterizar o “ser brasileiro” eram assim denominados como a raça branca, raça negra e raça indígena e em cima desses pilares foram se definindo costumes, valores e perspectivas sociais. Ao branco toda a culpa justificada para um explorador, ao índio toda a incapacidade por ser “selvagem” e ao negro toda a misericórdia por serem os explorados, os escravos.

Através da evolução da História e da própria educação esses conceitos foram paulatinamente sendo revistos e discutidos de forma mais complexa, demonstrando que houve inúmeras reações de confronto, onde cada etnia obteve

momentos de reação, de luta e de resignificação, além de termos como participantes de nossa construção identitária muitos outros grupos étnicos, vindos através da imigração

Embora não sejamos mais banhados por essa visão, cotidianamente em sala de aula o preconceito, em relação ao negro é latente, ainda que sobre o véu da inocência infantil.

Ao indagar em qualquer sala de aula, quem é negro há um silêncio de culpa e de medo, em assumir-se negro ou ser apontado pelo grupo como tal. Percebe-se como o “ser” negro carrega ainda o fardo da incapacidade e inferioridade que por tanto tempo os caracterizaram.

Paratanto BRASIL (2006) demonstra:

A hierarquia das raças, etnias, culturas e culturas legaram para negros e negras o espaço da subalternidade, levando assim, em termos de significação, para uma interpretação negativa construída em meio a imagens que estigmatizaram o (a) africano (a), tratando-o (a) como sinônimo de escravizado (a), pois ao pensarmos em africanos (as), somente os incorporamos ao processo histórico de construção da sociedade brasileira na perspectiva da escravidão. (Apud, p.58)

Michael de Certeau ainda ressalta *que o que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível...* e é nesse aspecto do preconceito subliminar, sutil, que aparece já na infância que decidi organizar um projeto que fizesse com que os alunos observassem, vivenciassem e aprendessem sobre a cultura afro-brasileira, que intrinsecamente mistura-se em cada um de nós, o povo brasileiro. (Apud. 1996, p. 31).

Apresentação e metodologia

Já no início do ano letivo de 2008, o Projeto Negritude foi apresentado a todas as turmas do ensino fundamental.

Reuni primeiramente os 2º e 3º ano a tarde e o 4º e 5º ano pela manhã, com o objetivo de observar a reação de interesses das turmas, conversei sobre as inúmeras diferenças que se constituem o nosso Brasil e de o quanto isso é enriquecedor para nós.

Discutimos noções de preconceito, discriminação, desigualdades e escravidão. Ao fim, perguntei a qual etnia cada um deles pertenciam. Nenhum dos meus alunos disse ser negro, havendo algumas confusões, porque colegas apontaram outros colegas, que por sua vez sentiram-se insultados.

No fim fiz uma dinâmica de interação, na qual tiveram que se desenhar com o coração aparente e pintado. Recebi os desenhos e misturei.

Entreguei a cada criança um desenho feito por outro colega.

Por fim puderam ver que todos os desenhos eram diferentes, mas todos tinham o coração da mesma cor... Foi dado o início ao Projeto Negritude.

Tendo como base subsidiária o material didático já constado no livro de História, durante o segundo bimestre de 2008 o Projeto foi descrito e colocado em prática levando em consideração critérios de maturidade e conteúdos programáticos de cada série, a data escolhida para sua culminância dos trabalhos foi o dia da Consciência Negra.

Durante o evento da Mostra Cultural, os alunos puderam expor e apresentar suas conclusões e aprendizado.

Divisão dos temas por série:

2º ano: Iniciei em forma de contação de história a biografia de Zumbi. Através dessa forma lúdica, explorei de onde e como vieram os negros para o Brasil, o que faziam e como viviam, o que era o quilombo e os principais quilombos existentes em nosso país. Quando iniciei a vida de Zumbi, todos ficaram muito curiosos em saber se ele existiu ou não. Mostrei a importância que ele teve e têm na herança da cultura negra.

Aproveitando a curiosidade sobre como era Zumbi, pedi que todos pesquisassem em casa algo sobre ele e trouxessem na próxima aula, informações que seriam colocadas na turma. Em relação a figura de Zumbi, cada criança iria criar um guerreiro Zumbi, feito a partir de material reutilizável e que seria exposto no dia da apresentação do trabalho.

3º ano: Através do projeto Zumbi, essa turma preparou pequenos seminários apresentados sobre o referido guerreiro em duplas, ou sozinho, deixei em aberto a escolha. Após a apresentação em sala, eram abertos debates, com perguntas aos participantes sobre o tema. Esses trabalhos foram apresentados posteriormente aos visitantes da Mostra Cultural;

4º e 5º ano: Essas turmas se apropriaram da história do Continente Africano como um todo, religião, música, comida e suas influências. Foram separados em duplas, onde cada qual explorou um tema específico para que fosse apresentado aos colegas do 2º e 3º ano, em que se abriram debates sobre cada apresentação. As turmas do 4º e 5º ano, foram ao colégio no período oposto a suas aulas para essa explanação. Ficou a critério das duplas a confecção de maquetes ou cartazes para suas apresentações. Algumas duplas mostraram o cotidiano das senzalas através de maquetes, os castigos dos negros,

a influência musical, através de maquete que representou Gilberto Gil, maquetes que representaram a geografia do continente africano.

Durante o encerramento os próprios alunos trouxeram DVDS de artistas negros, que foram colocados como fundo musical do evento, construíram com palhaças de coqueiro uma espécie de senzala, vestiram-se de preto, as meninas encheram seus cabelos de trancinhas e algumas duplas prepararam lembranças para os convidados. Toda essa articulação foi coordenada pela educadora Verônica Fragoso, entretanto, respeitando de forma incondicional as idéias, criatividade e interesses dos alunos.

O processo avaliativo

Trabalhar com projetos é sempre uma grande satisfação, pois em determinado momento eles ganham vida própria e de certa forma se auto-conduzem.

Todos os alunos abraçaram o projeto e sentiram-se parte de sua construção, dando opiniões, desenvolvendo aptidões, interagindo de forma harmoniosa com os colegas, conteúdo e visitantes.

A capacidade de articulação da linguagem, entre o que se quer dizer e o que se fala, é algo que já começa a ser construído desde esses momentos, combatendo eventuais inseguranças ou timidez.

Estudar História de forma interacional possibilita ao educando perceber-se enquanto agente histórico, combatendo definitivamente com a idéia da história com muitas leituras, que por vezes soam chatas e cansativas.

Tive um enorme prazer em perceber a responsabilidade, o compromisso e o quanto cada educando sentia-se importante e capaz, ao conversar e expor seu trabalho a cada visitante da mostra.

Aos visitantes que passavam sem percebê-los, eles se encarregavam de ir até eles e trazê-los para a exposição, demonstrando, a importância daquele trabalho em sua formação pessoal.

Objetivos específicos trabalhados

Ampliação dos conhecimentos em relação a cultura afro-brasileira;
Compreensão das articulações políticas em que perpassam a escravidão no Brasil;

Percepção da influência da cultura negra em nosso cotidiano;

Incitar questionamentos de comportamentos, na tentativa de compreender-se como sujeito histórico, participante de sua própria construção histórica e de conhecimento;

Olhar a diversidade como acréscimo enriquecedor, onde o respeito e a ética são fundamentais para um crescimento conjunto;

Desenvolvimento de aptidões manuais, criativas e dinâmicas, além da linguagem e segurança.

Conteúdos Curriculares

Ética:

Respeito mútuo, justiça, solidariedade e diálogo;
Cidadania, democracia.

História:

Continente Africano: dimensão cultural e artística.
Escravidão, abolição, abolicionista, abolicionismo;
Danças, lendas e festas religiosas.
Algumas personalidades negras da música e da história;
Brasil, descobrimento, desenvolvimento e organização.

Meio-ambiente

Sucata com material reciclado;
Características do meio ambiente africano.

Arte

Criatividade através da sucata;

Pluralidade Cultural

A diversidade étnica brasileira;

Linguagem;

Música;

Vestuário

Geografia

Divisão territorial do Brasil durante a colonização

O Continente Africano

Orientação Sexual

A miscigenação

Conclusão

Promover nos ambientes escolares possibilidades de interação embasada em conhecimento histórico é um desafio para o educador, pois é preciso construir de forma articulada conceitos e enquadrá-los tanto na realidade, como na sua maturidade seus alunos.

Trabalhar com projetos possibilita essa dinamicidade às aulas e, além disso, há uma perspectiva de interação entre os alunos da mesma turma e entre alunos de diferentes faixas etárias. Esse encontro é construtivo e dinâmico.

BRASIL (2006) nos alerta:

Enfatizar relações entre negros, brancos e outros grupos étnico-raciais no Ensino Fundamental não nos leva necessariamente a conflitos ou impasses. Há a possibilidade de mediações, de acertos, que permitam uma aproximação de interesses ao mesmo tempo

comuns e não-comuns, mas que se fundem na negociação. Portanto, não se pretende pensar na sociedade como idílica, harmônica e sem conflito, uma sociedade que negue as desigualdades sociais, raciais e regionais. Além disso, o que se busca não é simplesmente a troca de uns heróis por outros, mas uma diretriz educacional que possibilite uma pluralidade de visões de mundo. (Apud. p.60)

Referências

BRASIL, Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Étnico-Raciais e para o Ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004.

CERTEAU, Michel e GIARD, Luce: *A invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1996.

DESSEN, Maria Auxiliadora e POLONIA, Ana da Costa. *A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano*. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Disponível em www.scielo.br/paideia.

GADDIS, John Lewis. Tradução: Marisa Rosa Malta. *Paisagem da história: como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.